



### **Você sabe com quem está falando, meu bem? Análise da vilã Odete Roitman no remake de Vale Tudo sob o viés da alteridade<sup>1</sup>**

Isabelle Valente de Souza, UFRRJ<sup>2</sup>  
Gabrielly Damasceno Casimiro, UFRRJ<sup>3</sup>  
Luciana Gomes Soares, UFRRJ<sup>4</sup>

**Palavras-chave:** Audiovisual; Alteridade; Racismo.

A partir dos conceitos de alteridade e estudos do audiovisual, o trabalho analisa as falas preconceituosas reproduzidas pela personagem Odete Roitman no remake da novela Vale Tudo (2025), da TV Globo. Para tanto, utiliza a metodologia da AMA - Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2016). A presente proposta nasce de uma pesquisa mais ampliada que analisa três eixos vinculados ao preconceito: racismo, capacitismo e elitismo. Especificamente para esse trabalho, focalizaremos no racismo.

O remake de Vale Tudo (2025), escrito por Manuela Dias, é uma releitura da narrativa original, com mudanças no roteiro da trama exibida em 1988. Estrelado por Debora Bloch, Taís Araujo, Bella Campos e outros grandes atores, o clássico da televisão brasileira retorna, no entanto, em um novo período que tem como tônica o espalhamento de telas no ambiente digital e, por isso, a telenovela é “assistida” de uma maneira diferente. Os preconceitos, porém, permanecem.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao Encontro Regional Sudeste 2025 de Ensino de Jornalismo - GT Pesquisa na Graduação.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Comunicação Social - Jornalismo pela UFRRJ. E-mail: [isavallente@outlook.com](mailto:isavallente@outlook.com)

<sup>3</sup> Graduando do curso de Comunicação Social - Jornalismo pela UFRRJ. E-mail: [gabriellydamasceno60@gmail.com](mailto:gabriellydamasceno60@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduando do curso de Comunicação Social - Jornalismo pela UFRRJ. E-mail: [lucianagomes.soares04@gmail.com](mailto:lucianagomes.soares04@gmail.com)

<sup>5</sup> Orientadora: Doutoranda e Mestre em Comunicação (PUC-Rio) e Professora do curso de Jornalismo na Universidade Rural do Rio de Janeiro. E-mail: [goulartdeandrade@gmail.com](mailto:goulartdeandrade@gmail.com)



O pensador contemporâneo Emmanuel Lévinas (1988) propõe uma alternativa à filosofia ocidental, que, segundo ele, foi, na maioria das vezes, uma ontologia: uma redução do outro ao mesmo. Isso não é, portanto, uma relação com o outro como tal, mas a redução do outro ao mesmo. Tal é a definição de liberdade: manter-se contra o outro, apesar de toda relação com o outro, assegurar a autarquia de um “eu” (...) “Eu penso” redundante em “eu posso”. Na filosofia ocidental, o ente é neutralizado e transformado em “outro” apenas para ser compreendido e assimilado como parte do “mesmo” (do Eu que conhece). (Lévinas apud Souza, 1999, p. 51).

Sendo assim, a proposta levinasiana se inscreve numa direção de propor o retorno à metafísica - que se realiza nas relações éticas - como possibilidade de uma verdadeira relação em absoluto respeito à alteridade do outro. A Metafísica é, na verdade, um esforço para ir além do ser. O outro é, para Lévinas, esse “aquilo”, que a rigor não é “aquilo” nem “isto” é ALGUÉM. (Souza, 1999, p. 51-52).

Entre os diversos preconceitos reproduzidos pela personagem Odete Roitman no remake de Vale Tudo (2025), o racismo se manifesta de maneira explícita no capítulo 43, entre 0:35 e 1:19 da cena disponível na plataforma Globoplay. Ao afirmar que “ela nem é tão preta assim”, a vilã tenta justificar que seria mais aceitável o relacionamento do filho com Maria de Fátima (Bella Campos). A fala evidencia uma das expressões mais enraizadas do racismo brasileiro, a ideologia do embranquecimento, que naturaliza a hierarquização racial e legitima a branquitude como valor social e moralmente superior.

A duração da cena, cerca de 44 segundos, é suficiente para produzir um efeito de naturalização do preconceito: a fala racista surge de modo casual, sem ênfase dramática, como se fosse uma observação comum. Como observa Muniz Sodré (1999, p. 194), “Falar-se de raça só é admissível como noção culturalmente (e jamais biologicamente) marcada, donde a possibilidade da ‘relação racial’, isto é, aquela caracterizada por dissimetria nas relações hierárquicas e simbólicas entre os seres humanos em virtude de diferenças fenotípicas.”

Assim, a “tolerância” expressa por Odete revela o que Sodré (1999) chama de violência simbólica do discurso racial brasileiro, que opera não pela exclusão direta, mas pela



condicionalidade da aceitação, o outro é admitido apenas para se aproximar da norma branca.

## Referências

COUTINHO, Iluska. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade**: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: INTERCOM, 2016, São Paulo. Anais eletrônicos... São Paulo: USP, 2016.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

SODRÉ, M. **Claros e Escuros**: Identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, José Tadeu Batista de. **Emmanuel Lévinas**: o homem e a obra. Revista Symposium, v. 3, n. Especial, p. 45-53, jun. 1999.